

A SOCIOLOGIA ROMÂNTICA E O IMAGINÁRIO NA OBRA DE MICHEL MAFFESOLI

SOCIOLOGY AND ROMANTIC IMAGINARY IN THE WORK OF MICHEL MEFFESOLI

Eduardo Portanova Barros¹
(Universidade do Vale do Rio dos Sinos)



Vol. 8 nº 16 jul./dez. 2013

p. 321-328

RESUMO: o presente artigo apresentará um sociólogo ao mesmo tempo romântico e místico. Assim é Michel Maffesoli, que procura na sensibilidade fenomenológica um espaço de análise sobre o imaginário. Alijada, na maior parte das vezes, do ambiente acadêmico, esta maneira de pensar volta à cena. E retorna no momento de saturação da filosofia clássica de viés determinista e cientificista. Retorna também em um momento de maturidade da antropologia social, especialmente das práticas etnográficas. O mundo já não é mais regido pela razão. Maffesoli aponta caminhos sintonizados com a força de um cotidiano complexo, que desliza entre o empírico sensorial e a metáfora viva.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário, Michel Maffesoli, Sociologia do cotidiano, fenomenologia.

ABSTRACT: This article presents a sociologist at the same time romantic and mystical. So is Michel Maffesoli, investigating an area of sensitivity phenomenological of the imagerinary. This way of thinking returns. And returns because of saturation of classical philosophy and deterministic scientificism. Returns also a time to maturity of social anthropology, especially the ethnographic practices. The world is no longer governed by reason. Maffesoli shows ways attuned to the power of a complex routine that slides between the empirical and sensory vivid metaphor.

KEYWORDS: Imaginary, Michel Maffesoli, Sociology of Quotidian, Phenomenology.

¹ Pós-doutor pela Sorbonne (Paris V), pós-doutorando no PPG em Ciências Sociais da Unisinos (PNPD/CAPES), doutor em Comunicação Social pela PUCRS e mestre pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Tradutor de "Sociologia do imaginário" (LEGROS, P. *et alii*, Porto Alegre: Sulina, 2007) e autor de "Truffaut, o homem que amava o cinema" (Canoas: Ed. da Ulbra, 2013).

É assim que Michel Maffesoli², nascido no dia 14 de novembro de 1944, em Graissessac (no Maciço Central francês), define imagem: “um mesocosmo entre o microcosmo pessoal e o macrocosmo coletivo” (2013, p. 20). Percebe-se, nisso, sempre uma relação, um trajeto, uma ponte entre dois pólos que não se excluem, mas interagem. É essa a dinâmica social, na opinião de Maffesoli. E a melhor forma de compreendê-la, segundo ele, é pensá-la dessa forma, um paradoxo. Esse paradoxo, no entanto, não tem nada de maniqueísta em Maffesoli. Pelo contrário: só faz sentido na relação, no relativismo de um pólo com o outro.

Essa ideia da *dualidade*, que *não* é dualista, Maffesoli tomou emprestada de Durand, mais precisamente da tese do “trajeto antropológico” ou “trajeto do sentido”: o equilíbrio entre as pulsões subjetivas e as intimações objetivas ou do meio. A analogia e a metáfora — do tipo, no caso da metáfora, que ainda não recebeu a “sanção do uso” e que, por isso, é chamada de “metáfora de invenção”, conforme Ricoeur (2005, p. 104) — seriam as duas maneiras que mais se aproximariam da verbalização de uma nova sensibilidade na pós-modernidade. Maffesoli usa a coexistência de termos antagônicos — como *razão sensível*, *enraizamento dinâmico*, *resistência flexível* — para evitar a brutalidade do conceito.

Maffesoli polemiza: imaginário é a realidade. Como alguém pode afirmar isso? Como o imaginário, produto da imaginação, pode ter a pretensão de ser real? É que, para Maffesoli, imaginário é viver os sonhos mais do que sonhá-los. Isso é uma afronta ao signo, ao significado e ao significante. Imagem, portanto, *não* é signo. O signo só quer clareza, ao passo que o imaginário tem uma carga semântica ambígua, situando-se entre o palpável e o impalpável, o líquido e o concreto. O *trajeto antropológico* se dá quando se constrói uma *bacia semântica* (metáfora de autoria de Durand) inundada por uma força emocional que também é racionalizadora. O ser humano vive, portanto, uma constante necessidade de equilíbrio, nesta gangorra existencial, entre as imposições do meio e a sua própria subjetividade.

Esse equilíbrio é caracterizado, entre outras coisas, pelo nomadismo, uma das principais teses de Maffesoli, sociólogo da Sorbonne (na cadeira que pertencera a Durkheim) e diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano, o CEAq (Centre d’Étude sur l’Actuel et le Quotidien). Alguns números: já orientou cerca de 140 teses, publicou em torno de 350 artigos científicos e, só no Brasil, mais de 20 livros. Para Maffesoli, o único absoluto é que tudo é relativo e uma sociedade é, na verdade, várias.

Maffesoli tem três ideias fixas: nomadismo, tribalismo e hedonismo. Nomadismo, para ele, significa uma saturação do esquema identitário. Saturação em termos de: a) ter um gênero bem definido (ser homem ou mulher); b) ter uma ideologia reconhecível (ser de direita ou de esquerda); c) ter uma filosofia de vida clara (ser materialista ou espiritualista); d) ter uma profissão fixa (isto é, se reconhecer só nela). De uma identidade única (especificidade ideológica) passamos a ter múltiplas identificações (patchwork *imaginal*, e “*imaginal*” por ter relação com o imaginário, uma espécie de “inconsciente coletivo”, nos termos junguianos). “Nomadismo é romper o confinamento individual e viver a sede do infinito” (MAFFESOLI, 2001, p. 78). O nomadismo tem relação, também, com a impermanência das coisas, uma característica daquilo que nos remete ao instituinte

(manifestações contrárias à ordem estabelecida ou esperada). Do outro lado, temos o “instituído”, que é o poder, a ordem, a direção, o governo (nos dois sentidos do termo). Para Maffesoli, então, o nomadismo é “instituinte”, porque não se acomoda às situações normalmente aceitas (a dimensão estática do poder). No nomadismo, contrariamente à dimensão estática do poder, prevalece uma “dimensão estética da potência”. Potência é o mesmo que “instituinte”. Poder é o mesmo que “instituído”. O anarquismo é um estilo, mas não o poder. Quanto ao tribalismo, Maffesoli observa uma necessidade grupal. Eu me reconheço na medida em que me identifico com certos grupos. E, no hedonismo, o sociólogo francês percebe uma necessidade de expressão, de viver a vida e de curtí-la. Não “curtimos” uma foto, uma frase, uma alteração na foto de perfil nessa janela da alma que é o Facebook? O futuro, paradoxalmente, ficou para trás, e o Facebook é a faceta mais cristalina do presenteísmo. O que interessa é o instante, um eterno presente.

Toda essa teoria Maffesoli buscou em Georg Simmel, Max Weber, Friedrich Nietzsche, Carl Gustav Jung e Gilbert Durand (seu pai espiritual). De Simmel, assimilou a tese do formismo, aquilo que forma a sociedade do jeito que as coisas aparecem (fenomenologia). De Weber, assimilou a Sociologia Compreensiva (não julgar). De Nietzsche, absorveu o vitalismo. Para o filósofo alemão, um niilista reativo, segundo Vattimo (1996), e reativo porque não compartilha de um niilismo pessimista como o de Schopenhauer, a salvação está na arte e no “dizer sim à vida” (expressão dele, Nietzsche).

De Jung, capta a noção de arquétipo. E, finalmente, em Durand, identifica a *noosfera*, que são leis cósmicas, principalmente as que têm um arcabouço antropológico. Convém citar Feyerabend, no qual se inspira para justificar, intimamente, mas também, às vezes, textualmente, o anarquismo metodológico (novas relações entre a prática e a teoria). Maffesoli transita de Comte a Weber, de Durkheim a Nietzsche, de Foucault a Simmel sem ser discípulo de nenhum deles, a não ser de Jung, na juventude, e que está retomando agora.

Maffesoli, portanto, o teórico do tribalismo, observa na sociedade pós-moderna, termo que ele assume com todas as letras, um hedonismo cotidiano, mesmo — e até por isso — que seja trágica esta vida. A equação é simples. Se o homem toma consciência da morte, nada mais resta senão viver com toda a intensidade possível o aqui-e-agora, o presente. Por que, se a morte é inexorável, não ficamos sentados esperando por ela? Porque não conseguimos. Temos um impulso vital pela ação (este “impulso vital” pela ação nada mais é do que o vitalismo). Diz ele que se vive no dispêndio, e dispêndio de todas as formas, financeira e cotidianamente falando, para o melhor e o pior.

O trabalho de Maffesoli é semelhante, no ponto de vista, ao de Bauman (o teórico da “liquidez”). Mas Bauman é “sociologizante”. A linguagem de Bauman é sociológica. Maffesoli se aproveita também de outras formas de discurso, ao contrário de Bauman, mesmo se observando nele o viés de um sociólogo, porque remete tudo ao social. Vale destacar *O conhecimento comum*, *O tempo das tribos* e *Elogio da razão sensível*. No primeiro, Maffesoli apresenta os cinco pressupostos de uma Sociologia Compreensiva, e que servem de apoio, metodologicamente falando, para trabalhos acadêmicos. No segundo, apresenta uma de suas principais teses, a do tribalismo, que é a reunião orgânica de pessoas por afinidades eletivas.

E o terceiro livro, finalmente, é um ensaio puro. Sem se preocupar em sustentar qualquer tese, Maffesoli devaneia em torno dos oxímoros que pontuam sua obra: “razão sensível”, “fundo aparente” e “harmonia conflitual”. Reproduzindo Nietzsche, Maffesoli acredita que “o que não mata fortalece”. O filósofo alemão, por falar nele, deixou-lhe, pelo menos, três legados: a suspeita em relação ao sujeito e ao indivíduo, o elemento não-racional, diferentemente do *irracional*, e a concepção trágica da existência.

Maffesoli é, ao mesmo tempo, um anarquista e um romântico. Iniciou lendo Marx, que conhece profundamente (*Lógica da dominação*). Mas, como poucos entre os que conheceram a obra do filósofo alemão, afastou-se dele. Hoje, considera-o um bom racionalista, e só, porque Marx foi ultrapassado. Muitos marxistas arrependidos tentam, em vão, deslocar seu eixo de pensamento para o imaginário, como é o caso de Castoriadis. Mas o fundamento poético do imaginário não admite a linha de raciocínio ancorada no marxismo, porque não tem lógica. A Sociologia do Cotidiano, com toda sua carga de tragédia e complexidade, destaca um espírito coletivo, uma sabedoria comum, uma lei horizontal — de irmãos — e não um patriarcado fálico como no socialismo de Estado. Maffesoli conhece bem a ideologia prometeica (crença no progresso), porque seu pai foi mineiro, desde os 14 anos e por 30 consecutivos. Agora é ele, o filho, que *dinamita* a ciência.

Em 1978, Maffesoli publicou seus *Ensaio sobre a violência banal e fundadora*. De lá para cá, a temática permanece atual. Colocando suas opiniões pessoais entre parênteses, como ele mesmo gosta de dizer, Maffesoli tem uma tese sobre a violência na contramão do pensamento politicamente correto. Apresenta-a como três teoremas, cujos sentidos em grego, aponta ele no prefácio à terceira edição (2009, p. X), servem para “ruminar as coisas essenciais”: Amigo/Inimigo, Morte e Risco Zero. Maffesoli afirma que a vida em sociedade é tributária de imagens que estão profundamente enraizadas nela. Assim como Caim e Abel, esta sociedade é uma espécie de irmã-inimiga, uma ambivalência que se encontra em numerosas mitologias, segundo ele (2009, p. X). Ou seja, a tensão é a matriz de todas as coisas.

No entanto, não admitimos essa ambiguidade. Queremos, a todo custo, uma resposta, uma solução, uma ideia que, juntas, esclareçam o sentido da nossa existência. Mas o sentido, como já disse Nietzsche, é trágico. Esse trágico é semelhante ao pensamento complexo em Morin. Quando Morin fala da complexidade como palavra-problema, quer dizer: “a clareza e a ordem são insuficientes” (1991, p. 100). É isso a que ele se refere. Quer dizer: não temos saída, o fim é inevitável, a menos que vejamos esse fim como transcendência (filosofia iogue). Se a alma é imortal, o fim é puramente corpóreo. Porém, o moralismo marxista, que é como se pensa a política, aniquila qualquer tentativa de ambiguidade.

A ideia de “tecido conjuntivo”, em Morin, é semelhante à forma como Maffesoli vê a sociedade: configura-se de modo anômico, como um todo, e não só pela presença do indivíduo. Este também conta, mas o caráter abrangente da Sociologia Compreensiva procura, em primeiro lugar, desfazer a ideia de individualismo na sociedade pós-moderna. O indivíduo, em Maffesoli, só é considerado na relação com o Outro, e nunca de maneira isolada. Isso nos remete à complexidade entre o todo e as partes de um determinando conjunto, em Morin. Só podemos conhecer as partes se conhecermos o todo em que elas

se situam. E só podemos conhecer o todo se conhecermos as partes que o compõem. O princípio do pensamento em Morin é (re)ligar, (re)unir, juntar, relacionar. A realidade, para ele, é multidimensional. Porém, tem sido estudada separadamente, e separar é “reduzir” (daí o reducionismo que Morin tanto condena). O reducionismo ignora, segundo ele, o saber sistêmico, que só existe por causa e através da ambivalência entre um dado conjunto e suas partes. O ser humano também é complexo. Cada parte de seu corpo o define. Por isso, até pode ser autônomo, mas essa autonomia é relativa. Logo, não só a parte está no todo como o todo está na parte. A parte sou eu, um indivíduo. O todo é a soma dessas partes.

O “risco zero” é o medo do risco, simplesmente. E esse medo do risco é uma constante na espécie humana, segundo Maffesoli (2009, p. XIV). Ele relativiza, porém, afirmando, logo em seguida, que pode ser o motor-essencial do progresso e da qualidade de vida, a fim de promover um aperfeiçoamento moral. Na opinião de Maffesoli, o problema se dá quando o medo do risco se transforma em doutrina e daí segue para a ideologia. Da ideologia para o politicamente correto, é um pulo. Logo, é preciso salientar a parte de sombra, como Jung o afirmou, da mesma forma que Bataille (a parte maldita). Maffesoli, por sua vez, escreveu “a parte do diabo”. Todas estas expressões se referem ao lado obscuro da existência. O higienismo é o mal; na verdade, o mal está em querer apagar qualquer traço de dualidade do comportamento humano. Recalcada, a violência, assim, vem com força e perversidade.

E a morte, finalmente, não tem nada de macabra. Para Maffesoli, o otimismo ocidental denega a morte num linearismo temporal simplista. Porém, Sade e Bataille, recorda Maffesoli (2009), relacionam a ritualização da morte com a vitalidade das formas de iniciação (nos termos de Jung). Considerando metodologia, enfim, como o princípio heurístico, interpretativo, “nocional” (derivado de noção, e não conceitual, que é derivado da rigidez de um conceito), optamos, neste texto, em expor as principais noções de Maffesoli pela mesma linha de abordagem adotada por ele próprio, a de uma Sociologia Compreensiva. É a partir do que Maffesoli entende por essa metodologia que nos situamos.

Não retomaremos os sociólogos que deram origem a esse termo, e que são, de acordo com Maffesoli, Weber (inspirado, por sua vez, em Simmel) e Pareto. Por dois motivos: primeiro, exigiria um trabalho mais extenso do que este que nos propomos a fazer. Segundo, porque esse ponto daria origem a outro artigo. Mesmo não sendo nossa intenção retomarmos Weber a fundo, achamos prudente salientar que este autor, em “Conceitos básicos de Sociologia”, diz que a compreensão pode ser empírica (direta do significado de um ato) ou explicativa, baseada na motivação. Em todos os casos que Weber relata, e que não se limitam àqueles dois que ele próprio julgou que fossem suficientes, o princípio da compreensão é o de uma análise interpretativa (WEBER, 2002, p. 16).

Weber admite que “a sociologia tenta abranger também vários fenômenos irracionais, isto é, míticos, proféticos, espirituais, bem como afetivos” (2002, p. 32). Podemos observar que Maffesoli faz uma leitura orgânica de Weber. Pelo viés da Sociologia Compreensiva, é possível incluímos na análise uma forma de raciocínio similar àquilo que estamos descrevendo, e julgamos ser isso extremamente necessário para que o

investigador, na pesquisa, e o “objeto” de sua investigação sejam coerentes. Em outras palavras: para falar de Maffesoli de modo compreensivo, precisamos ser compreensivos com o seu modo de falar. A abertura que Maffesoli dá aos mais diferentes pesquisadores e aos seus respectivos itinerários acadêmicos (das áreas mais diversas) é bastante criticada, o que só reforça a necessidade de se pensar nos motivos e nas razões para esse tipo de conduta.

Maffesoli propõe, através do estilo ensaístico, um novo estado da pesquisa e, com isso, renova a matriz teórica. É curioso observar, ainda, que um intelectual à beira da marginalidade na França (que só não o é completamente por sua posição na Sorbonne e em outros cargos em comitês científicos que ocupa) tenha uma legião de fãs no Brasil, aglutine em torno de suas ideias centenas de professores e já tenha publicado mais de duas dezenas de livros. Para ele, não seria nenhum demérito ser considerado um sociólogo relativista e *pop*. “Relativo” é o mesmo que “lateralizado”. Maffesoli procura, para encerrar aqui a questão da violência, pelo menos por ora, compreendê-la não como um fato anacrônico ou próprio de períodos bárbaros da pré-civilização, e sim “como uma manifestação majoritária do antagonismo existente entre vontade e necessidade (2009, p. 3, tradução nossa).

O relativismo maffesoliano, neste tema da violência ou em qualquer outro, tem o suporte, ainda, da razão contraditória em Wunenburger, um pensamento que leva em conta as relações possíveis do que se entende por complexidade numérica. Assim, o indivíduo, transportando o tema para as formas de *sociabilidade* em Maffesoli, já não se reconhece uno, e sim plural, pelo simples (mas não tão simples assim) fato de que se vê, hoje, como “resultado” da relação com o Outro. Agora, vive não mais com o pensamento individualista no *isolacionismo*, mas na trágica (porque inescapável) relação a dois (pelo menos). E o par Eu-Outro traz, sempre, novas possibilidades de compreensão do real. Neste ponto é que o pensamento de Wunenburger se relaciona ao de Maffesoli. Mesmo sendo de formação filosófica, o trabalho de Wunenburger se aproxima ao de Maffesoli pela linha do imaginário. Wunenburger é diretor do Centro de Estudos Gaston Bachelard, na Universidade de Bourgogne, e Bachelard foi o mestre de Durand, que, por sua vez, orientou o doutorado de Maffesoli. Portanto, o distanciamento entre eles não é tão grande. Muitas são as filiações teóricas de Maffesoli, para concluir, mas nenhuma tão especial quanto a de seu “pai espiritual”, Gilbert Durand.

NOTAS

- ² Michel Maffesoli é sociólogo, professor da Sorbonne, membro do Instituto Universitário da França, diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano e autor de vários livros sobre a temática da pós-modernidade, entre os quais *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa* (Forense Universitária, 2006), *No fundo das aparências* (Vozes, 2010) e *Sobre o nomadismo* (Record, 2001).

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **Estudos**. Tradução de Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BARROS, Eduardo Portanova. Maffesoli e a investigação de sentido: das identidades às identificações. **Revista Ciências Sociais Unisinos**. Vol. 44. Nº 3. set/dez 2008, p. 181-185.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **O imaginário – Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução de Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- _____. **Les grands textes de la sociologie moderne. Recueil méthodique**. Paris: Bordas, 1969.
- FEYERABEND, Paul. **A conquista da abundância**. Tradução de Cecília Prada e Marcelo Rouanet. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.
- _____. **Adeus à razão**. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 1991.
- _____. **Contra o método**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LYOTARD, Jean Francois. **A condição pós-moderna**. Tradução de José Navarro. Lisboa: Gradiva, 1989.
- MAFFESOLI, Michel. PERRIER, Brice. **L'homme post-moderne**. Paris: Bruce Bourin Éditeurs, 2012a.
- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. Tradução de Aluizio Ramos Trinta. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____. **A parte do diabo – Resumo da subversão pós-moderna**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. **Essais sur la violence banale et fondatrice**. Paris: CNRS Éditions, 2009.
- _____. **Homo eroticus**. Paris: CNRS, 2012b.
- _____. **Imaginaire et postmodernité. Synergie de l'archaïsme et du développement technologique**. Paris : Éditions Manucius, 2013.
- _____. **Lógica da dominação**. Tradução de Mamede de Souza Freitas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **Notas sobre a pós-modernidade – O lugar faz o elo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- _____. **O instante eterno**. Tradução de Maria Ludovina Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- _____. **O tempo das tribos – O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- _____. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- _____. **O método 6: Ética**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005

NIETZSCHE, Friedrich. **A origem da tragédia**. Tradução de Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores, 2002.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2005.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**. Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WATIER, Patrick. **Uma introdução à sociologia compreensiva**. Tradução de Débora de Castro Barros. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

WEBER, Max. **Conceitos Básicos de Sociologia**. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias e Gerard Georges Delaunay. São Paulo: Centauro, 2002.

_____. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Centauro, 2002.

WUNENBURGER, Jean Jacques. *A razão contraditória*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

Recebido em 04/11/2013

Aprovado para publicação em 10/12/2013